

POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS E INTERAÇÕES EM MÍDIAS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS NA EDUCAÇÃO

Noeli Batista
FAV/UFG
Rogéria Eler
FE/UFG
Comunicação
Cultura e processos educacionais

As visualidades do contexto contemporâneo tem tido um foco especial, a internet. Este veículo de informação ganhou a atenção de forma universal pelas inúmeras possibilidades de construção a partir das mídias eletrônicas. Dentre as atividades mais praticadas pelos usuários na Rede Mundial de Computadores está o jogo tridimensional, pela geração jovem e as salas de relacionamentos que comungam todas as faixas etárias, ficando com porcentagem menor as pesquisas e informações. Esta realidade chega à escola não por uma proposta da instituição, mas, sobretudo pelas interações que estão sendo vivenciadas cotidiana e paulatinamente pelos estudantes. Diante dessa realidade uma proposta de atividades que incluem, no contexto escolar, discussões, apreensões e fazeres que contemplem o ciberespaço e suas possibilidades é pontual e dialógica, trazendo o cotidiano do aluno para vivência escolar, possibilitando aproximações de gerações que ora se excluem por falta de diálogos em suas elaborações.

Palavras-chave:

Ao falarmos de imagens produzidas por aparelhos fotográficos apresentamos o conceito de imagem técnica, termo proposto por Flusser, em seu livro *Filosofia da Caixa Preta* (2005). Neste, são descritos os processos de construção de imagens técnicas, ou seja, imagens produzidas por aparelhos fotográficos, produtos de textos científicos que transformam seu operador em um funcionário executor de ações pré-programadas.

Para Flusser, as possibilidades de registro de um aparelho fotográfico são e estão delimitados pelo que ele chama de programador e nós, seríamos o que ele define de funcionários, usuários passivos do aparelho. Uma das possibilidades apresentadas por ele na busca pela ruptura de tal estrutura seria a projeção tanto do aparelho quanto de sua lógica de funcionamento-programa. Uma contra-proposta, neste contexto, seria fugir do funcionalismo e, na tentativa de ser menos cartesiano e mais próximo da subjetividade humana, “dirigir a questão da liberdade aos fotógrafos, a fim de captar sua resposta. Consultar sua práxis” (2005, p. 75) e buscar o que ele chama de *jogo contra o aparelho*, um jogo capaz de apontar o caminho para a liberdade, ou seja, a subversão pela práxis tanto pedagógica quanto na elaboração e desenvolvimento das poéticas de criação.

Ao pensarmos no contexto escolar e na problematização da presença de tais imagens enquanto possibilidades pedagógicas, compreendemos que tal subversão não constitui-se em tarefa simples, principalmente quando o próprio Flusser admite a necessidade de uma filosofia fotográfica que aponte caminhos de experimentação para tais rupturas. Ao trazermos o contexto acima descrito para o universo do ensino de arte percebemos implicações de ordem metodológica e funcional.

Quem de nós nunca se deslumbrou diante das possibilidades no uso de um aparelho fotográfico? Aprisionar o instante em uma superfície de duas dimensões e por meio dela revisitar memórias traz consigo a magia do eterno presente. No entanto, o universo de deslumbre que tais aparelhos proporcionam falseia uma suposta autonomia, uma vez que, o enquadramento e o clique ainda pertencem ao sujeito de posse do aparelho. No entanto, os programadores, atentos às necessidades de seus consumidores, e em respostas às demandas do mercado tecnológico, reelaboram programações para nos liberar de simples ações e neste ato cada vez mais nos aprisionar na ilusão de independência. Como exemplo, podemos citar sensores programados para dispararem o “clic” diante da decodificação de um sorriso ou de softwares que alteram formatos, cores e recortes, com aplicação imediata na imagem registrada.

O que nos preocupa nas relações que se estabelecem em tais processos, são o conteúdo das imagens consumidas e das percepções reproduzidas tais como cenas de filmes publicitários, telenovelas, imagens de revistas, sites, games, entre outras pertencentes ao universo do *mass media*, no que segundo MacLuhan (1979) “penetram na sociedade saturando todas as instituições” (p. 09). Se considerarmos, por exemplo, que as dificuldades de leitura e escrita constituem-se nos grandes entraves contemporâneos da chamada formação escolar, como supor que tais sujeitos, docentes e discentes, sejam capazes de dominar textos científicos e neste ato construir aparelho e programa, na busca pela ruptura com a condição subserviente de funcionários do aparelho fotográfico?

As imagens técnicas presentes nas salas de aula são apresentadas em sua maioria, como sendo a própria obra. Nesta ação, a qualidade de reprodução, referências de escala, e alterações de padrões cromáticos são desconsiderados, uma vez que, a imagem técnica torna-se a materialização da própria obra, requerendo para si uma áurea há muito tempo superada. No entanto, a mesma áurea da obra de arte, comentada por Benjamim (1994) em seu texto *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, rendeu-se às imagens publicitárias, doutrinadoras de modos de perceber e ser, as mesmas que raramente adentram o espaço escolar como território de estudo, reflexão e contestação do *status quo* vigente.

As facilidades de inserção de tais imagens nas aulas de arte estão diretamente ligadas às facilidades de acesso a dezenas de aparelhos capazes, não apenas de gerá-las, mas também de veiculá-las. Na lógica de tais facilidades podemos citar câmeras fotográficas analógicas e digitais, vídeos-cassete, aparelhos de TV, DVD, retroprojetores, Data Shows, computadores, aparelhos celulares, imagem impressas, entre outros. Tais equipamentos têm ocupado o espaço escolar, ora como recurso pedagógico como exemplo, os estudantes, pelo uso de aparelhos celulares e suas câmeras fotográficas durante as aulas ou mesmo nos intervalos.

Em posturas contrárias as normatizações impostas pelos regimentos escolares, estudantes registram, por meio de seus aparelhos fotográficos, cenas, posições e falas muitas vezes não autorizadas. Raros são os casos em que tais imagens deixam de lado o caráter factual e de imitação de soluções publicitárias de venda. Pontos de vistas, imaginários e contextos abordados nestas imagens, muitas vezes configuram-se distantes de significados mais próximos das diferentes realidades das quais docentes e discentes estão imersos em seu dia-a-dia. Por outro lado, nota-se a pouca familiaridade de arte educadores e pesquisadores em ensino de arte, de um modo geral, com as questões relativas a tais imagens, tanto na sua compreensão quanto na produção.

A ausência de consciência crítica perante tais ações bloqueiam uma das portas de acesso, concretas e acessíveis, entre o contexto vivenciado pelos estudantes e o próprio imaginário, seja ele individual ou coletivo, e acabam por tornar docentes e

discentes em seres autômatos, funcionários nos termos propostos por Flusser ao se referir ao contexto de produção das imagens técnicas.

As discussões que envolvem arte e tecnologia ainda encontram-se distantes das aprendizagens em artes visuais, de modo que as questões relativas à produção de imagens técnicas também têm sido mantidas fora do ambiente educacional, seja formal ou não formal. Imagens técnicas adentram as aulas de arte com a função de exemplificar discursos, esclarecer conteúdos, ilustrar artistas, estilos de época. Enquanto conceito e eixo reflexivo continuam sendo um desafio tanto para compreensão quanto para produção de um pensamento visual articulado a experimentação artística e compreensão crítica.

Tais reflexões no contexto escolar são urgentes partindo da realidade visual e virtual que cercam os estudantes, estes que cotidianamente dedicam parcelas significativas de seu tempo a transitar por redes de relacionamentos na *internet*, organizar e alimentar *blogs*, *fotologs*, e álbuns com imagens digitais produzidas através de aparelhos acessíveis, bem como o fascínio pelos jogos tridimensionais ofertados por casas como as *lan houses*, espalhadas, em sua maioria, próximas às escolas e em *Shopping Centers*.

Flusser (2005), ao refletir sobre o conceito de imagem, particulariza o termo imaginação (imagem + ação), ou seja, nossa capacidade de recompor duas das quatro dimensões presentes em uma imagem. Segundo ele, o plano (altura + largura) em uma imagem relaciona-se com duas outras dimensões: tempo e espaço. Neste caso, a importância e a singularidade do olhar encontram-se justamente na possibilidade imaginativa proporcionadas pelas imagens, ou seja, nosso espaço de reconstrução de sentidos.

Imagens técnicas são textos científicos, abstração conceitual, janelas para um tempo e espaço delimitados. O aparelho fotográfico ao captar uma imagem abstrai do contexto temporal e espacial referências que serão reconstruídas por diferentes pessoas, em diferentes locais. O passado, presente e o futuro, medidas temporais da relação homem-mundo são reconfiguradas neste contexto. Insistir no uso pedagógico de imagens técnicas com foco meramente ilustrativo é perder o principal de suas possibilidades - viajar no tempo e no espaço, e por meio de tal viagem materializar metáforas de si, para si, e sua relação com o mundo que o cerca.

Diante das possibilidades da tecnologia digital, as mídias eletrônicas têm ganhado grande atenção na contemporaneidade. Não por acaso essa popularização é parte integrante da maioria das pessoas, dentre elas os estudantes, tanto do Ensino Básico quanto superior. São várias gerações que circulam nos espaços propiciados pela Rede, esta que tem se configurado em mais uma instituição formadora de identidade, juntamente com a família, escola e grupos sociais como a igreja. Todavia as normatividades existentes nos seguimentos citados, em sua maioria de regimes de controle, não se repetem no ciberespaço de forma a resistir o usuário, pelo contrário, mesmo que de forma controladora sua dinâmica tem como Filosofia conquistar o indivíduo. A grande questão é quais são as discussões geradas no âmbito escolar que auxilia alunos e professores na prática diante de tais emergências. E quais são as possibilidades que o professor tem diante das elaborações que os alunos já estão acostumados.

Os meios de comunicação em massa fazem uso constante de imagens técnicas na busca pela associação e venda de valores comerciais. Se somos portadores dos mesmos aparelhos capazes de gerar imagens, porque continuamos a consumir acriticamente imagens geradas por outras pessoas? O que nos impede de partir do enquadramento que tais aparelhos nos impõem, para construir nosso próprio tempo e

espaço imaginativo? Porque ao invés, de consumidores passivos de imagens técnicas, não podemos assumir o processo de produção de metáforas visuais, por meio de tais aparelhos e neste ato significar o ato pedagógico no ensino de arte e porque não dizer, do diálogo entre imagem e imaginário?

São muitas as razões que deságuam nesse descompasso da educação escolar: entre o propugnado em documentos, diretrizes e publicações em geral, as experiências vividas pelos membros da comunidade escolar, particularmente seus estudantes e professores, suas construções culturais, suas produções a partir de conhecimentos prévios, seus desejos...

Tais reflexões têm levantado algumas discussões inadiáveis. É preciso lembrar que, afinal, imagens, concepções estéticas e obras de arte não são neutras, mas integram as redes de tensões inerentes às relações de poder das estruturas sociais em que são realizadas, e articulam sentidos. Desse modo, a eleição de certas imagens, concepções estéticas e obras de arte para integrarem os conteúdos veiculados na educação escolar resultam da interação de diversos fatores, por trás dos quais prevalecem interesses os mais diversos: econômicos, políticos, dentre outros.

É imperativa, portanto, a reflexão sobre os ambientes de visualidades em que se encontram os agentes de cultura hoje, os atores das aulas de artes na educação escolar, e nas relações estabelecidas nesse emaranhado de informações, sensações e experiências novas, que vão sendo construídas meio às cegas, à revelia da escola.

É na perspectiva das imagens técnicas que a contemporaneidade entra para o universo da arte como possibilidade de construção de discursos e narrativas críticas em relação ao contexto das quais fazem parte. MacLuhan (2005) ao falar sobre o meio e a mensagem, alerta-nos sobre a inversão da função da escola que para ele “já não seja instruir, mas descobrir” (p. 127), necessidade que nasce em resposta ao conhecimento e informação infinitamente maior que se constroem fora das salas de aula. Conhecimento e informação que hoje encontram-se nos diferentes espaços de formatação de consciências gerados a partir do nascimento das imagens técnicas.

Partindo dessas reflexões e discussões está a expectativa das compreensões de narrativas virem a ser formuladas, na direção de criarmos condições para superar as feições de autômato do fazer docente, saindo da condição de funcionários – das instituições escolares, dos equipamentos – subvertendo máquinas, equipamentos, sistemas, recriando possibilidades e humanizando nossas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de arte*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIBLIOTECA SALVAT DOS GRANDES TEMAS-LIVRO GT. *Teoria da imagem*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- MACLUHAN, Marshall. *MacLuhan por MacLuhan: conferências e entrevistas*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Org. Stephanie McLuhan e David Staines. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.